

no surgimento de *Sagarana*

Daniel Reizinger Bonomo*

Resumo

O artigo recupera o contexto da publicação do *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa, privilegiando determinados aspectos que sobressaem na leitura dos documentos críticos publicados na imprensa do período. Parte-se da coleção de recortes organizada pelo próprio escritor, pertencente ao Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, com o intuito de observar sua inserção no cânone local. Entre os problemas destacados – de gênero literário, estilísticos, originalidade e repetição –, atenta-se para a polêmica despertada por artigo inaugurador de Álvaro Lins, acusado de promover a exaltação do livro estreado e seu autor, funcionário do Itamaraty, a fim de ser recompensado com cargo público. Procuramos, assim, investigar que espécies de determinações estão em jogo na construção do valor

* Doutorando do Programa de pós-graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas (DLM) da Universidade de São Paulo (USP). Contato: drbonomo@gmail.com

de um nome literário, ainda que a excelência do título de Guimarães Rosa superasse as provocações.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; *Sagarana*; Álvaro Lins; polêmicas literárias.

Abstract

The article refers back to the publishing context of João Guimarães Rosa's *Sagarana* in 1946 by focusing on some of the reviews and documents published in the press at the time. We depart from a collection of cuttings organized by Rosa himself and which now belongs to the Fundo João Guimarães Rosa of the Instituto de Estudos Brasileiros of the Universidade de São Paulo. Our intention is to observe the book's entry in the literary local canon. Amongst matters of genre, style, originality and repetition we also discuss the polemic raised by Álvaro Lins's inaugurating article, accused of promoting the book in exchange for a position favored by Itamaraty, institution where Guimarães Rosa worked. Our purpose is to provide an investigation on the factors which construct a literary name, apart from the literary excellence credited to Guimarães Rosa's text.

Keywords: João Guimarães Rosa; *Sagarana*; Álvaro Lins; literary polemics.

Sagarana e o *scrapbook*

A publicação do *Sagarana*, em 1946, foi acontecimento ruidoso. Nos meios literários, parecia ditar novos rumos, dar fôlego novo à prosa local. Não revelava apenas o futuro escritor do *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, mas igualmente movimentava a tradição regionalista com que se aparentava na ascendência (muitos falavam da novidade de um "regionalismo mineiro", iniciado por Afonso Arinos, mas ainda pouco desenvolvido) e de algum modo contraponteava o realismo dos "romances de 30" (*Sagarana*, já foi notado, sua versão primitiva,

também é livro dos anos de 1930, remonta a meados da década). Participava de renovação maior – Adonias Filho e Clarice Lispector publicavam livros primeiros; Drummond publicava, há pouco, *A rosa do povo*; João Guimarães Rosa também participava de momento histórico perturbado por experiências da última guerra (autor do pós-guerra como poucos, considerando a vivência de anos passados na Alemanha nazista). Dizia um crítico da situação complicada que, de algum modo, isso fazia de *Sagarana*, à época recém-publicado, questionador do regionalismo insistente nas letras brasileiras:

É a inquietação provocada pela mentalidade de um mundo saído de uma guerra (...) *Sagarana* é já um livro clássico (...) que nos aparece assim sem mais nem menos, misturado com uma realidade em que existem aviões gigantes, *records* de velocidade, bombas atômicas, radar, conversas telegráficas com a Lua, e muitas outras coisas, de caráter universal, que conspiram, precisamente, contra o seu regionalismo¹

Conhecemos a alternância entre universal e particular, frequente na leitura da obra em questão. Conhecemos também a história de *Sagarana*: o livro reúne os contos de Viator, pseudônimo com que Guimarães Rosa, no final de 1937, participa do Prêmio Humberto Campos, da Livraria José Olympio Editora, e obtém o segundo lugar. No ano anterior, havia conquistado alguma notoriedade com o prêmio que a Academia Brasileira de Letras conferira a *Magma*, sua coleção de poemas, sendo o parecer favorável de Guilherme de Almeida. Anteriormente, entre 1929 e 1930, também havia publicado contos no *Cruzeiro* e *O Jornal*, as "primeiríssimas estórias". Na versão original, *Sagarana* levava o título de *Contos* (como participou do concurso) ou *Sezão* (como os exemplares de 1937 do Fundo João Guimarães Rosa, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo). Todo o seu percurso é marcado por correções sucessivas, desde os anos de 1930 até a quinta edição de 1958, ainda retocada.

As duas primeiras edições do livro pertenceram à editora Universal no ano de 1946, época em que Caio Pinheiro foi seu editor. Em carta de 24 de março de 1946 à esposa, Aracy Moebius de Carvalho, Guimarães Rosa menciona o desencontro que antecede e retarda o lançamento:

O teu, o nosso SAGARANA parece-me estar perto de ficar pronto. Houve um atraso maior, porque as últimas provas a gráfica (aí de S. Paulo) remeteu, equivocadamente, para a Livraria José Olympio Editora, em vez de endereçar à Universal Editora (que é a nossa). Esse engano deu um atraso de quinze dias ou mais, até que pudesse ser desfeito².

A partir de 1951, a casa de José Olympio se encarregaria da edição, finalmente, introduzindo a capa de Santa Rosa, primeiro, e a variante *princeps* no formato guardado de gravuras de Poty, depois. A nova apresentação gráfica queria talvez compensar a "infelicidade" do acabamento da Universal, conforme a opinião de Agripino Grieco, que julgava a capa da primeira edição própria de publicação da Sociedade Nacional de Agricultura e não de produto literário³.

Nesta pesquisa, procuramos comentar aspectos destacados das discussões que dão a tonalidade geral da recepção crítica de *Sagarana* recentemente publicado. Partimos da leitura de uma coleção de recortes organizada pelo próprio Guimarães Rosa, integrante do Fundo João Guimarães Rosa do IEB. O escritor mineiro tinha o hábito de agrupar os textos de imprensa que o tomaram por tema, sobretudo no início. Em torno do *Sagarana*, há no seu espólio duas encadernações que reúnem boa parte da crítica de jornal do período (no final do segundo volume começam a surgir notícias do *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*). Pertencem à série Matérias Extraídas de Periódicos (Sobre João Guimarães Rosa), totalizando mais de 400 documentos reunidos, entre notas, artigos, ilustrações e cartas (as

encadernações mantêm o formato que lhes deu o próprio escritor, preservando o caráter original e a ordem dos documentos, conforme os organizou Guimarães Rosa). A coleção chegou a figurar, de maneira anedótica, em nota da imprensa, e participa das curiosidades do homem público e importante funcionário do Estado:

O ministro Guimarães Rosa, chefe do gabinete do chanceler João Neves da Fontoura, estava ontem colando os recortes das críticas e comentários sobre seu livro *Sagarana*.

O secretário Afonso Palmeiro, pilheriando, perguntou se aquilo era o que se chamava de *crazybook*...

O secretário Aloísio Bittencourt explicou que se trata de *scrapbook*.

E o secretário Jorge Carvalho e Silva, olhando para o monte de recortes, acrescentou:

– Em casa tem mais!⁴

Sagas e tendências no *Sagarana*

– Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!... (J. Simões Lopes Neto, "O boi velho", *Contos gauchescos e Lenhas do Sul*, 1949)

Quando um autor novo surge – falamos da novidade do *Sagarana* e Guimarães Rosa –, surgem também os mecanismos com que procuram compreender-lhe os sentidos na perspectiva do já existente – das noções e autores já existentes, vivos e mortos. Por um lado, o procedimento é válido e desejável, uma vez que dá algum chão histórico e conceitual à incipiente flutuação do novo e demonstra que inexistente a originalidade completa. Por outro, recorrer ao já conhecido e suas formas, recrutar a tradição e suas autoridades, nalguns casos, instrumentaliza a recusa do novo. Na sua crítica primeira, *Sagarana* é "novo", mas recorda muitos nomes. Desde a composição sugestiva e neologista do título, incentiva-se a confusão

do velho com o recente. Exemplo é a intolerância do professor Silveira Bueno, por exemplo, que responde da seguinte maneira à dúvida de um leitor intrigado com a palavra montada de “saga” e “rana”:

Pede-me o senhor que lhe explique o sufixo “rana” que supõe existir na palavra “sagarana”. Existe em português do Brasil o sufixo “rana”, de origem tupi, com o qual várias palavras foram formadas hibridamente, quer dizer, metade português, metade tupi: “brancarana”, “canarana”, etc. Tal sufixo quer dizer: semelhante a, parecido a: “brancarana”, que é tirante a branco, sem o ser realmente; “canarana”, é o que se assemelha à cana, que é com ela parecido. Se “sagarana” fosse, o que o senhor pensa, palavra composta de “saga” (narração) mais o sufixo “rana”, não seria uma série de narrativas, mas uma cousa parecida, semelhante à narrativa. Quanto ao meu conselho de não se lerem romances e novelas, o mantenho com toda a convicção de professor de português: é leitura inútil quando não prejudicial. Prejudicial pelo conteúdo, prejudicial ainda mais pela forma errada, mal feita, escolha certa de solecismos.⁵

Embora antipático, diz com razão, da parecença do *Sagarana*: conforme a interpretação purista da palavra, o livro é “semelhante a”, mas não “idêntico a”. Mas, em que pese o descontentamento do professor, não há qualquer propriedade neste aspecto, pois na obra de Guimarães Rosa a indefinição das categorias poéticas é recurso repetido e desempenha função importante na problematização dos gêneros. Podemos recordar os quatro prefácios do *Tutaméia* ou as sete narrativas do *Corpo de baile* que poderiam ser chamadas “novelas” (por sua extensão e prosa), mas são classificadas pelo autor como contos, romances e poemas, por exemplo – algumas são contos, outras romances; as sete são

poemas. Quer dizer, nem há gênero puro, nem as formas são idênticas à proposição dos gêneros, mas estabelecem relações que ditam significados imprevistos às classificações. Do mesmo modo, vemos a proximidade ambígua dos contos do *Sagarana* com a “forma simples”, principalmente islandesa (nos documentos antigos) e de origem na oralidade da saga. Não se conhecem a razão e o momento exatos da passagem de *Sezão* a *Sagarana* enquanto títulos. No entanto, sabe-se que compreende o “período alemão” do escritor em Hamburgo. Neste, como observamos em outro local⁶, houve muita leitura que o aproximou de narrativas históricas e míticas do conjunto das sagas. Estudando a biblioteca do autor, constatamos que conheceu textos em língua alemã que ampliaram seu entendimento do “gênero” enquanto formas variadas, antigas e modernas, como a coleção de narrativas heroicas dinamarquesas de Saxo Grammaticus (*Dänische Heldensagen nach Saxo Grammaticus*), uma antologia organizada por Albert Richter e Guido Görres (*Deutsche Heldensagen*), outra por Hanns Trautner (*Sagen vom Harz*), ou a versão de Hans Voss para a narrativa dos Volsungos (*Sigurd und Brynhild nach der Edda*) e a de Wagner para os Nibelungos (*Das Rheingold*). Também, no diário do período, encontramos a definição seguinte, copiada por Guimarães Rosa a algum léxico, provavelmente:

(...) narrativa oralmente transmitida e fantasiadamente enfeitada, que se distingue do conto de fadas pelo fato de os acontecimentos narrados serem ligados a determinados lugares, tempos ou pessoas, dividindo-se, de acordo com seu objeto, em sagas de deuses, sagas de heróis (*epos*), sagas de santos (lendas), sagas da natureza, sagas de animais etc. (...).⁷

Como se nota, a variedade e certa imprecisão das fontes dificultam a correspondência mais simples com *Sagarana* (no livro de Guimarães Rosa há heróis, santos

– fala-se da santidade de Matraga, por exemplo⁸ –, natureza e animais, elementos, porém, que não encerram os significados das sagas). O termo em si é de difícil aproximação, conforme um pesquisador alemão: “(...) por saga se compreende aquele gênero literário que esclarecedoramente também se nomeia ‘saga popular’ (*Volkssage*) e para o qual se encontram em outras línguas apenas correspondentes aproximativos: *folk legend*, no inglês, *légend populaire*, no francês, *cuento popular*, no espanhol, *legenda*, *mif*, e *lou predanije*, no russo”⁹. Seguramente, no que respeita ao uso de “saga”, significa mais o caráter sugestivo do termo que sua determinação genérica. Cria-se uma espécie de indeterminação prolífica, construtiva na discussão crítica da obra. Álvaro Lins, em face dos “contos”, falaria de “rapsódias”¹⁰. Mais ou menos vago, o problema do gênero é debatido por Paulo Rónai, por exemplo, cujo argumento prefere os textos enquanto novelas, pois entrelaçariam sub-histórias no seu interior, procedimento no geral estranho ao conto¹¹. Outro crítico, Manoel Cerqueira Leite, em vez de conto ou novela, sugere denominá-las “noveletas”¹² – a adição do sufixo diminutivo apenas reduz o problema na extensão narrativa, mas é interessante, uma vez que o próprio Guimarães Rosa, ao conceber uma das orelhas para a primeira edição do *Grande sertão: veredas*, anunciava a quarta edição do *Sagarana* com seus “contos, ou noveletas”¹³.

Assim como os parâmetros de gênero literário são vias de aproximação à novidade – ainda que pouco sólidas –, discute-se a influência e a originalidade da contribuição de *Sagarana* às tendências internas da literatura brasileira, principalmente à linhagem regionalista. Mobilizar referências é comum à maioria dos críticos que se ocupa do livro estreante. As motivações são variadas: Francisco de Assis Barbosa, por exemplo, assemelha *Sagarana* aos grandes livros de estreia (de Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Euclides da Cunha) e aos grandes livros isolados (*Memórias de um sargento de milícias*, *O Ateneu*) – recordamos que o futuro do

escritor era desconhecido. Muitos autores, como Agripino Grieco, Marques Rebelo, Oliveira Torres, Prudente de Moraes Neto, Eloy Pontes e Sérgio Milliet, reconhecem também a proximidade com o escritor inglês Rudyard Kipling. Trata-se de uma comparação que aponta, principalmente, para o “animalista” em Guimarães Rosa. Aponta para os textos de “O burrinho pedrês” e “Conversa de bois”, sobretudo, que constituem universo particular de valores, entre a fábula e o realismo da representação, com os animais e seus valores, sua Lei (para Kipling, a “Lei da Jângal”) no primeiro plano.¹⁴

No problema estilístico, o artifício colorido e a exuberância das combinações fizeram com que muitos críticos recordassem Euclides da Cunha (Agripino Grieco, Araujo Jorge, Renato Almeida, Manoel Cerqueira Leite) e Rui Barbosa e Coelho Neto, por exemplo. Também mencionaram (Alcântara Silveira, Araujo Jorge, Joaquim Thomaz, Rosário Fusco) a proximidade como autor de *Tropas e boiadas*, Hugo de Carvalho Ramos. De fato, são autores com os quais mantêm afinidades. Carvalho Ramos e Guimarães Rosa, por exemplo, apesar das qualidades específicas, de algum modo cultivam, como os outros nomes citados, a correção do idioma, temperando as falas (narradores e personagens), sobretudo, com “desvios” da fala sertaneja, neste caso a dos chapadões e cerrado do centro-oeste. Quer dizer, nas escolhas sintáticas e lexicais residem particularidades da fala regional aplicadas ou consubstanciadas com maior ou menor efeito evocativo numa língua corretíssima, de frases rebuscadas, não raro arrastadas e de compreensão muitas vezes dificultosa¹⁵. São autores de fraseologia excessiva que talvez se associem à tradição maior, composta afinal de momentos muito diversos e em cujo centro talvez esteja o livro, exemplarmente, *Os sertões*, de Euclides da Cunha. No detalhamento do trabalho estilístico são realizações desiguais, bem como são distintas no efeito e na apreciação valorativa da crítica; em geral, porém, a copiosidade e o preciosismo, esta possibilidade da linguagem enriquecida com artes

e volteios de um narrador caprichoso, sugerem uma tradição da prosa brasileira noutra ocasião identificada por Augusto Meyer como a “família dos farfalhantes”, pródiga na “espumarada de adjetivos e efeitos sonoros”, indispensável, ainda, “(...) pois representa um contrapeso ao excesso de *secura* e *dieta* vocabular, ao estilo ‘pão e água’ da receita anatoliana”; constituiriam os laços dessa “família” o “desenho minudente, a forma copiosa, a abundância da cor, o adjetivo generoso e, de vez em quando, a rica frase de cauda irisada”¹⁶.

Regionalistas principais como Simões Lopes Neto e Valdomiro Silveira são frequentemente associados a Guimarães Rosa no surgimento de *Sagarana*. Mais ainda, Afonso Arinos e Monteiro Lobato. Não nos deteremos nos casos particulares, tampouco desenvolveremos análises comparativas mais aprofundadas neste momento, mas procuraremos apenas apontar para as afinidades que interessam, conforme a limitação do artigo. Verificamos, finalmente, que Guimarães Rosa conhecia muito bem, por exemplo, as literaturas de Afonso Arinos e Hugo de Carvalho Ramos, como demonstram os exemplares com anotações e expressões destacadas que encontramos na sua biblioteca no IEB. Mas o capítulo das influências é mais complexo. Seu exemplar de Afonso Arinos data de 1947, sugerindo a possibilidade de que tenha lido o autor de *Pelo sertão* somente após a insistência de muitos críticos na sua “filiação”. Quanto à semelhança com Kipling, esta a endossou o próprio autor do *Sagarana* (também verificamos o número expressivo de livros de Kipling na biblioteca de Guimarães Rosa – compete com o número de bíblias!). Numa conversa com José Cesar Borba, publicada na imprensa em 19 de maio de 1946, afirma haver lido Euclides da Cunha ainda “menino”, atrapalhado, saltando páginas, relendo-o apenas depois da publicação de *Sagarana*. Porém, sobre Kipling, diz: “Com este tenho algumas afinidades, pelo menos a da miopia desde a infância. Se eu quisesse fugir a alguma influência não poderia jamais fugir à de Kipling, porque esta, se é

influência, nasceu comigo, faz parte de minha natureza”¹⁷. E continua, citando uma passagem de “Conversa de bois” modificada após encontrar no *Kim*, de Kipling, trecho semelhante que refere-se à imagem do boi que projeta o pescoço, como uma tartaruga, para beber a água da chuva; originalmente, o animal se esticava para receber o Sol, correspondendo diretamente com Kipling.

No contexto polêmico que consideraremos a seguir, entretanto, alusões assim exerceram função dupla: ora autorizam o estreado, que se afirma na companhia dos nomes já reconhecidos, ora o desautorizam, depreciando a repetição e o acréscimo reduzido, como faz um crítico mais cético:

Tomem a ossada de Afonso Arinos e entulhem com folclore, realidade rural, geologia e fantasia; ponham-lhe cartilagens e músculos, tomados um pouco a Monteiro Lobato, um pouco a Euclides e outro tanto também – por que não? – a Cornélio Pires; e botem tudo ao sol frio, manso de Minas Gerais. Depois vistam o fantoche com peças díspares, uma calça caipira aparecendo sob uma sobrecasaca de antologia, batam-lhe um chapéu a sopro e acendam-lhe afinal, nos olhos, um brilho coruscando malícia – e eis aí o contista falado, com muitos defeitos e suficientes qualidades.¹⁸

O crítico e o diplomata

Podemos dizer que a obra de João Guimarães Rosa promoveu polêmicas e ainda as promove, mas não que ele próprio tenha sido um polemista ou pessoa inclinada à controvérsia, pois evitou os debates com a diplomacia do seu ofício público. É conhecida, por exemplo, a ocasião em que abandona a discussão travada no auditório do Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, 1965, alegando monotonia: “Não foi absolutamente

um ato de protesto. Saí simplesmente, porque achei monótono”¹⁹. Considera-se autor responsável, comprometido com o “próprio homem”, mas distante da “ninharia política” do dia-a-dia. Não ignora a responsabilidade da sua obra e atividade – “(...) estou do lado de Asturias e não de Borges (...)”²⁰ –, mas encara-as como quem escreve para o Juízo Final, conforme sua inclinação religiosa e menor interesse por discussões “dia-de-semana”. Esta a imagem do grande e quase etéreo Guimarães Rosa, ocupado com assuntos sempre maiores, aparentemente. Neste sentido, isentar-se é vantajoso para o nome e para a obra do escritor. Aproveita-se frequentemente, por exemplo, das poucas entrevistas que concedeu para consolidar o que o próprio Guimarães Rosa de algum modo encenou: a espécie do “vaqueiro metafísico” e “místico das palavras”. São, por fim, habitualmente confundidos os autores – o autor implícito e o autor de carne e osso – e os narradores de Guimarães Rosa²¹.

Nada impede, contudo, que polêmicas envolvam o nome de Guimarães Rosa. Atingem-no principalmente no início, quando era recente e ainda questionável a condição do “escritor maior”. Por sua importância artística, por sua qualidade extraordinária, não surpreende que, desde a primeira tentativa de reconhecimento, *Sagarana* as promova publicamente. Também não surpreende verificar a aprovação crescente do livro – muitas vezes em detrimento do debate, infelizmente. Mas, na situação inaugural que a leitura dos documentos de 1946 dispõe, sobretudo, o nome ainda fresco do escritor permite “equivocos” de outra natureza. Encontramos juízos os mais variados e as opiniões – favoráveis ou não – também indicam pontos fundamentais, muitos posteriormente desdobrados, para a compreensão da obra de Guimarães Rosa. A polêmica, aqui, diz respeito à construção do valor de um nome literário e sua obra no cenário local, bem como demonstra, sob determinados aspectos, a qualidade do debate próprio do período.

A fortuna da obra, por diversas razões – entre as quais a vaidade – conquista a atenção do escritor de “eternidades” para os jornais do agora, como demonstram os recortes da coleção de Guimarães Rosa. Desde o segundo lugar no Prêmio Humberto de Campos, cujo vencedor foi *Maria Perigosa*, de Plácido Assunção (Luiz Jardim), pergunta-se pelo autor do *Sagarana*, que surge na imprensa com a reação ao veredito do concurso do prosador carioca Marques Rebelo, descontente e à época ainda ignorante do nome real do autor dos *Contos*. Rebelo diz haver contado com o apoio de Prudente de Moraes Neto, mas pressente a “injustiça” no voto de Minerva de Peregrino Júnior, que se decidiu por Jardim:

(...) informo que não se fez na ocasião a ata do concurso. Se for feita, não contará ela com a minha assinatura, o que aliás não invalida o resultado, nem diminui a vitória do senhor Luiz Jardim. Fica apenas como um protesto. Protesto ingênuo de quem não acredita em certas justiças, e sim numa justiça mais séria, mais profunda, talvez quase impossível. E ficam aqui a este Viator que ninguém conhece, e que tanto merecia entrar para a lista dos grandes contistas brasileiros, o meu derrotado aplauso e a minha admiração.²²

Também é conhecida a predileção de Graciliano Ramos por Jardim, que integrava o júri do concurso e posteriormente avaliou o evento e a consecutiva polêmica como um “sururu artístico sucedido há quase dez anos”²³. O autor de *Vidas secas* narra sua opção por *Maria perigosa* e o apoio que então recebera do contista Dias da Costa, contrariando Rebelo e Moraes Neto: “Defendi-me com três armas: o doutor, a professora, as injeções antiofídicas”:

Admirei um excelente feitiço, a patifaria de Lalino Salãthiel e, superior a tudo, uma figura notável, dessas que se conservam na memória do leitor: seu Joãozinho Bem-Bem. Por

outro lado enjoei um doutor impossível, feito cavador de enxada, o namoro de um engenheiro com uma professorinha e passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico.²⁴

A polêmica maior viria, contudo, com o lançamento do *Sagarana*, seguido em poucos dias por elogio indiscreto de Álvaro Lins em “Uma grande estreia”, publicado no rodapé do *Correio da Manhã* (12 de abril de 1946). Trata-se de um texto inaugural, que lança as bases da discussão posterior. Não há economia no encômio:

De repente, chega-nos o volume, e é uma grande obra que amplia o território cultural de uma literatura, que lhe acrescenta alguma coisa de novo e insubstituível, ao mesmo tempo que um nome de escritor, até ontem ignorado do público, penetra ruidosamente na vida literária para ocupar desde logo um dos seus primeiros lugares. O livro é *Sagarana* e o escritor é o senhor João Guimarães Rosa.²⁵

Álvaro Lins capricha: menciona um “completo domínio dos recursos literários”; também insiste na relação entre o documental e o inventivo, admirando a “configuração estética” do “informe” e “bárbaro” como ideal para a “literatura brasileira na feição regionalista”: “(...) a temática nacional numa expressão universal, o mundo ainda bárbaro e informe do interior valorizado por uma arte civilizada e por uma técnica aristocrática de representação estética”²⁶. Quer dizer, não apenas inaugura a elevação do nome de Guimarães Rosa às alturas do possível, mas também o lugar-comum da literatura rosiana enquanto mediação entre o local e o universal e superação do “pitoresco”, um dos temas principais da recepção do *Sagarana*.

Por seu caráter rasgado, a exaltação de Álvaro Lins provoca estranhamento. José Lins do Rego, por exemplo,

ainda sem ler o volume recém-publicado, sente-se convidado a comentar o “elogio absoluto”: “Para uns o artigo do crítico se excedera, a consagrar o que não merecia tanta vela de libra. Para outros, e entre estes o poeta Augusto Frederico Schmidt, o elogio ainda assim não corresponde à realidade do livro”²⁷. Poucos dias depois, após ler o estreado, Lins do Rego retorna com ressalvas, opondo-se principalmente às passagens em que diz perceber a intervenção do autor: “Aí se dá uma pausa na corrente da narração para que o senhor Guimarães Rosa apareça com a sua erudição botânica e os seus conhecimentos de zoologia. Passa-se assim da boa e telúrica literatura para uma quase pedante exibição de detalhes que nos enfada”²⁸. No entanto, desde o texto de Álvaro Lins, assegurava-se para o *Sagarana* um lugar no primeiro plano das letras locais. Mais tarde, em 1955, houve inclusive uma “ilha deserta” para a qual o crítico carregaria um exemplar do livro. Neste momento, sua integração no cânone literário brasileiro parece consolidada, ainda que faltasse um ano para a publicação simultânea do *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*. No rastro de Álvaro Lins, por exemplo, chegaria à mesma ilha com o *Sagarana* o poeta Thiago de Mello, levando Pessoa e Eliot, também; do mesmo modo, isolar-se-ia o “jovem contista” Mauritonio Meira, arrastando para a ilha Guimarães Rosa com Proust, Kafka e Machado²⁹.

As reprovações do *Sagarana* foram também comuns. Sua história não pôde evitar opiniões contrárias às de Álvaro Lins, como a do pouco entusiasmado Rosário Fusco: “Sua contribuição equivale à da pedra, mais uma, no edifício que se constrói. Uma pedra que se perderá, fatalmente, entre as demais quando o reboco do tempo revestir a construção”³⁰. Mas houve também quem reprovasse na atitude de Álvaro Lins a própria bajulação, os rapapés no aplauso barulhento. Araújo Jorge, por exemplo, refere-se a um “certo crítico” (provavelmente Lins, mas poderia também referir-se a Schmidt) “acostumado a elogiar mediocridades”³¹. O “toque de

trombeta” do crítico, no que tinha de exagero e verdade, conquistou adeptos e dissidentes, por mais de uma razão: não é unicamente a qualidade literária do *Sagarana* que motiva a polêmica, mas também a posição do crítico que a enaltece e a desconfiança de que possa haver interesse de outra ordem por detrás do elogio. Um jornalista à época jovem como Helio Fernandes, já polêmico e também atento à questão do momento histórico e suas formas poéticas, reage tal qual o citado Jorge Maia, interrogador do regionalismo do pós-guerra, comentando a estranheza que seria um autor que presenciara os “mais pavorosos dramas humanos, nos venha contar agora ‘casos’ acontecidos em Minas e anedotas mais ou menos vazias”³². Depois, faz barulho maior, no encerramento do texto: “Por tudo isso, e por não possuir o estreado mineiro as qualidades de um grande escritor, é que ficamos em dúvida se o elogiado pelos críticos foi o senhor J. Guimarães Rosa autor de *Sagarana* ou o senhor J. Guimarães Rosa secretário do Ministro das Relações Exteriores”³³. Não pararia por aí, contudo, pois o mesmo crítico voltaria a escrever no *Cruzeiro* em janeiro do ano seguinte, quando revê sua depreciação e inclui *Sagarana* entre os melhores livros de 1946³⁴. No entanto, a segunda investida de Fernandes mantém o tom abusado, bem como a acusação anterior. Desta vez, nomeia-se o alvo principal da afronta:

Aliás, a crítica literária vai descambando para o lado da amizade e do interesse pessoal, criando-se verdadeiros grupos dentro de cada jornal. Ainda na “enquete” realizada domingo passado pelo *Correio da Manhã*, alguns escritores, dos melhores, não tiveram seus votos publicados, simplesmente por não fazerem parte da Sociedade “Amigos de Álvaro Lins”³⁵.

Estão em pauta, portanto, para o crítico, as interferências dos conluios nos meios literários e da crítica brasileira e a troca de favores. Este não é um comentário

completamente isolado. Clóvis Ramallete dizia, no *Diário de Notícias*, que não elogiavam o narrador, mas afixavam o funcionário do Itamaraty³⁶. Ainda em 1946, Henrique Pongetti comenta o episódio (recuperando a história do Prêmio Humberto de Campos):

(...) o andaço pró Guimarães Rosa (por escrito) está sendo acompanhado de um andaço contra Guimarães Rosa (falado). Murmuram-se perfídias. Que *Sagarana* perdera num concurso de contos de certa livraria para o livro do senhor Luiz Jardim, sem despertar em nenhum dos garimpeiros da comissão a desconfiança de se haver posto à margem uma legítima obra-prima. Que *Sagarana* foi promovida a obra-prima e o senhor Luiz Jardim a usurpador depois da nomeação do senhor Guimarães Rosa para um cargo de muita influência no Itamaraty. Que o Itamaraty vai nomear adidos culturais para as nossas principais embaixadas e que o ponto “gostou muito de *Sagarana*?” faz parte da prova escrita, independentemente da bagagem literária dos candidatos. Que entre os futuros adidos culturais já se podem contar o crítico literário que soltou o primeiro foguetão e os dois escritores que votaram em *Sagarana* para o primeiro lugar no concurso de contos. Mexericos, eu sei. Mexericos de porta de livraria nos dias de escarlatina intelectual. Nesses dias – nós bem o sabemos – ao plantio intensivo de loureiros corresponde uma criação mais ou menos clandestina de saúvas³⁷.

Comediógrafo destacado e espirituoso, Pongetti aproveita o exílio de Monteiro Lobato (andava em Buenos Aires), no mês seguinte, para dizer que o destronavam a fim de colocar Guimarães Rosa no lugar, “(...) por decisão unânime e desinteressada de um grupo composto de cônsules, de Emil Ludwigs do

Itamaraty, de futuros adidos culturais e de escritores em viagem de estudos facilitados pelo passaporte diplomático³⁸. Mais tarde, por ocasião do lançamento da terceira edição do livro, endossa a polêmica Nelson Werneck Sodré, que denuncia a “sorte esquisita” e ataca a “esperteza cabocla” que considera haver prejudicado a recepção do *Sagarana*. Em nenhum momento, Sodré julga o livro medíocre ou coisa do tipo. Ao contrário, Sodré o considera excelente, mas afirma que, na avaliação pública, o interesse levou à justiça, afinal Guimarães Rosa, o escritor, também era funcionário de prestígio nos serviços diplomáticos, motivando as festas e elogios “mesmo para quem não leu os contos”³⁹. Seria um modo de aproveitar as circunstâncias: um livro bom e uma oportunidade para “galgar posições” e “infiltrar-se na máquina burocrática deste país essencialmente burocrático”. Quer dizer, Sodré percebe no louvor do livro o interesse mascarado por “lugares bem remunerados”, o desejo de um “lugarzinho de adido cultural”. É certo que se refere, principalmente, a Álvaro Lins, que dá início à exaltação do livro (e do autor) e realmente parte, neste ano de 1952, para Lisboa, permanecendo por mais ou menos dois anos na capital portuguesa a convite do Itamaraty⁴⁰.

O caso tomou alguma proporção. Em março de 1951, Magalhães Júnior publicava no *Diário de Notícias*:

O senhor João Neves da Fontoura pretende ampliar os quadros das nossas representações, já tão numerosas, com a criação de adidos culturais e de imprensa – um meio de conquistar apoio nas camadas intelectuais para o senhor Getúlio Vargas. Entre parêntesis, devo chamar a atenção do distinto público para este fato muito significativo: surgirão, em breve, de novo, dezenas de ensaios e artigos, críticas e epinícios a respeito do gênio literário do senhor Guimarães Rosa, autor de *Sagarana*⁴¹.

Se houve recomendação, indicação de alguma espécie, por parte de Guimarães Rosa, para que Álvaro Lins fosse nomeado professor em Lisboa, como de fato ocorreu, não podemos afirmar com certeza. Foram amigos, o crítico e o escritor e diplomata. Em 1948, encontravam-se juntos em Paris, como demonstra a correspondência entre os dois (IEB). Também afirmava a admiração mútua Guimarães Rosa: “Incontestavelmente, sem amizade e sem favor, você é um grande crítico, nasceu assim; e crítica não é brinquedo”⁴². E, por intermédio das cartas, sabemos também que o crítico foi responsável na mudança de Guimarães Rosa da Universal para a editora de José Olympio:

Há uns dois meses, conversando com o José Olympio sobre *Sagarana*, entramos os dois a fazer um hino de louvores a essa bíblia literária. Lamentei, então, que o livro não tivesse tido um editor à altura. E disse-lhe: – *Sagarana* merecia ter sido editado pela Livraria José Olympio e você merecia a honra de ter editado *Sagarana*. – Daí surgiu a ideia seguinte: fazer José Olympio uma 3ª edição, coisa sem demora. Fiquei autorizado a fazer-lhe a proposta. Não preciso lhe dizer que se faria uma bela edição e com um lançamento brilhante como se o livro estivesse entrando numa nova etapa editorial⁴³.

A mesma correspondência acondiciona, ainda, uma cópia, datada de 19 de novembro de 1952, da comunicação da Divisão Cultural do Itamaraty, assinada por Mario Guimarães, contratando Álvaro Lins para ocupar a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa, recebendo US\$ 600,00 mensais, mais auxílios (mais tarde, reclamaria da situação financeira e pediria um aumento para US\$ 1.000,00)⁴⁴. Como demonstram os documentos, a amizade fez com que Rosa fosse o intermediário na solução de muito problema profissional de Álvaro Lins. Difícil, porém, é avaliar o teor das conversas epistolares – a diplomacia é comportamento muito dissolvido no discurso de ambos. Sabemos apenas que Álvaro Lins

permanece em Lisboa até o início de 1954 e que a temporada no exterior, por algum motivo, foi interrompida: no dia 28 de outubro de 1953, pede a rescisão do contrato, alegando problemas de saúde; no entanto, haveria mais motivações, escondidas, que diz preferir comunicar pessoalmente a Guimarães Rosa.

Não insistimos nas acusações que muitos críticos fizeram do interesse encoberto no louvor de Álvaro Lins e suas consequências. Descontada a impossibilidade de verificar as reais intenções tanto no elogio do crítico como nas acusações que o pensam entregar, nosso objetivo, aqui, é tão-somente recuperar polêmica muito pouco lembrada – polêmica parcial, porquanto nem Álvaro Lins nem qualquer outro tenham manifestado alguma defesa –, com o intuito de contribuir, também, para a observação dos modos por que se constrói um nome literário: mesmo no caso do *Sagarana*, cuja relevância e superioridade estéticas são evidentes, há motivações que desconhecemos e participam, expressivamente, na consolidação do valor de um autor e sua obra. Não obstante a amizade entre o crítico e o diplomata, suas posições no espaço público, literário e político, são mais que circunstâncias, visto que exercem influências nas determinações históricas, acumulando significados que ainda hoje interessam, duplamente: revelam a que espécie de julgamento submete-se um título como *Sagarana*, bem como afirma a qualidade da nossa confusão – não só nossa – entre privado e público. São questões críticas relevantes, embora passem por curiosidades ou insignificâncias – tutameia, nonada, quiquiriqui – em face da obra de Guimarães Rosa.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Renato. “Sagarana”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de junho 1946.

ARINOS, Afonso. *Pelo sertão*. 5. ed. Rio de Janeiro: Briguier, 1947.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Sagarana”. In: *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 29 de abril de 1946.

BOOTH, Wayne. *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.

BUENO, Francisco da Silveira, “Questões de português”. In: *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 de abril de 1951.

BORBA, José César. “Histórias de Itaguara e Cordisburgo”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 19 de maio de 1946.

FERNANDES, Helio. “O ano literário”. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1947.

_____. “Sagarana e a crítica”. In: *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1946.

FUSCO, Rosário. “Entre a perfeição e a pândega”. In: *A Vanguarda*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1946.

GRIECO, Agripino. “Sagarana”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 26 de abril 1946.

JOLLES, André. *Formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

JORGE, José Guilherme de Araujo. “Sagarana: uma estreia definitiva”. In: *Resistência*. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1946.

MAGALHÃES JR., Raimundo. “O caso Alexandre Konder”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de março de 1951.

KIPLING, Rudyard. *O livro da Jângal*. 7. ed. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LEITE, Manoel Cerqueira. “Sagarana”. In: *Jornal de São Paulo*. São Paulo, 23 de janeiro de 1947.

LIMA, Sônia Maria van Dijk. *Escritura de Sagarana*. São Paulo: Navegar, 2003.

_____. “Memória crítica de Sagarana”. *Manuscrita*. São Paulo, n. 10, jun. 2001, p. 155-164.

LINS, Álvaro. *Sagas literárias e Teatro moderno do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.

_____. “Uma grande estreia”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de abril 1946.

LOPES NETO, João. Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949.

LORENZ, Gunter W. *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E. P. U., 1973.

MAIA, Jorge. “Sagarana”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1946.

MEYER, Augusto. A família dos farfalhantes. In: *Preto e branco*. São Paulo: INL, 1956, p. 197-201.

MILLIET, Sérgio. “Sagarana”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1951.

MONTENEGRO, Joaquim Braga. “Um tema que renasce”. In: *Unitário*. Fortaleza, 21 de julho de 1946.

PONGETTI, Henrique. “Monteiro Lobato é desertor?”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1946a.

_____. “Saúva nos loureiros”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1946b.

PONTES, Eloy. “Sagarana”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1946.

RAMALHETE, Clóvis. “Horácio lê Diário Oficial”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1946.

RAMOS, Graciliano. “Conversa de bastidores”. In: *A Casa*. Rio de Janeiro, jun. 1946.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

REBELO, Marques. “Depoimento: o prêmio Humberto de Campos”. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 4 de março de 1939.

_____. “Sagarana”. In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1946.

REGO, José Lins do. “Sagarana”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 de abril de 1946a.

_____. “Sagarana”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1946b.

RÖLLEKE, Heinz. *Das große deutsche Sagenbuch*. Zurich: Artemis & Winkler, 1996.

RÔNAI, Paulo. “A arte de contar em Sagarana”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1946.

ROSA, João Guimarães et. al. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

SCHMIDT, Augusto Frederico. “Sagarana”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 4 de maio de 1946.

SILVEIRA, Alcântara. “Garimpos e vaqueiros”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 14 de novembro de 1946.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Sagarana”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 9 de março de 1952; 1 de abril de 1952.

SPERBER, Suzi Frankl. “Amor, medo e salvação: aproximações entre Valdomiro Silveira e Guimarães Rosa”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 41, 1996, p. 97-120.

Notas

1 Jorge Maia, “Sagarana”. In: *Diário Carioca*, p.*. A partir daqui indicaremos com o asterisco as citações sem número de página. Originalmente as passagens citadas foram extraídas de recortes de jornais feitos por Guimarães Rosa, atualmente sob os cuidados do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB).

2 A carta é inédita e pertence ao Acervo Família Tess. O documento situa o lançamento do *Sagarana* no final do mês de março. Também o confirmam os “foguetes” com que Álvaro Lins saudava o estreante em 12 de abril de 1946.

3 Agripino Grieco, “Sagarana”. In: *O Jornal*, p.*.

4 A origem da nota é desconhecida. Encontra-se no verso da capa do

segundo volume que reúne os recortes sobre *Sagarana*, no IEB (Arq. JGR-IEB/ USP-R2).

5 Silveira Bueno, “Questões de português”. In: *Folha da Manhã*, p.*.

6 Listamos e comentamos a “biblioteca alemã” de Guimarães Rosa. A pesquisa foi publicada na revista *Pandaemonium Germanicum* (FFLCH/USP) de dezembro de 2010. No artigo, detalhamos todas as edições aqui citadas, além de aproximadamente mais 350 títulos relacionados à cultura e à língua alemã.

7 O trecho está em alemão no original e a tradução é de Georg Otte. Pertence ao “diário de Hamburgo”, “diário alemão” ou “diário de guerra”, títulos comumente utilizados para identificar as anotações de João Guimarães Rosa entre 1939 e 1942. O documento pertence ao Fundo Henriqueta Lisboa, integrante do Acervo de Escritores Mineiros, da UFMG. Consultamos cópia do documento presente no IEB e nela não há indicação de página.

8 Sobre isso há o excelente estudo comparativo de Guimarães Rosa com Valdomiro Silveira de Suzi Frankl Sperber. Neste, a autora considera a proximidade de “A hora e vez de Augusto Matraga” com as formas das sagas e das histórias de vida de santos.

9 Heinz Rölleke, *Das große deutsche Sagenbuch*, p.7

10 Mais tarde, Álvaro Lins (1967) também recorrerá à noção de “saga” para intitular estudos seus diversos. Denominaria “sagas” livros de Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro, “sagas de Porto Alegre” a obra de Érico Veríssimo, “sagas da Bahia e Sergipe” textos de Jorge Amado e Amando Fontes, “sagas de São Paulo” e assim por diante, considerando nomes como Antônio de Alcântara Machado, Murilo Rubião, Marques Rebelo e... Guimarães Rosa.

11 Paulo Rónai, “A arte de contar em Sagarana”. In: *Diário de Notícias*, p.*.

12 Manoel Cerqueira Leite, “Sagarana”. In: *Jornal de São Paulo*, p.*.

13 João Guimarães Rosa, *Sagarana*, p.136.

14 Um único crítico, o também contista Joaquim Braga Montenegro, resiste, neste aspecto, à comparação, depreciando os animais de Guimarães Rosa, que estariam distantes dos “símbolos do homem” figurados por Kipling.

15 Caberiam exemplos, amostras estilísticas de Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa, no entanto, devido à necessidade de *abreviação*, decidimos por evitá-las aqui.

16 Augusto Meyer, “A família dos farfalhantes”. In: *Preto e branco*, p.197. O texto de Augusto Meyer em questão trata de Alberto Rangel, mas agrupa nesta

“família” os nomes dos portugueses Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida e Aquilino Ribeiro, e dos brasileiros Euclides da Cunha e Raul Pompéia.

17 José César Borba, “Histórias de Itaguara e Cordisburgo”. In: *Correio da Manhã*, p.*.

18 Clóvis Ramalhete, “Horácio lê Diário Oficial”. In: *Diário de Notícias*, p.*.

19 Gunter W. Lorenz, *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*, p. 318.

20 *Idem*, p.319.

21 Utilizamos a diferenciação segundo as noções de Wayne Booth em *A retórica da ficção*.

22 Marques Rebelo, “Depoimento: o prêmio Humberto de Campos”, p.*.

23 Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e boiadas*, p.*.

24 *Idem*.

25 Álvaro Lins, “Uma grande estreia”. In: *Correio da Manhã*, p.*.

26 *Idem*.

27 José Lins do Rego. “Sagarana”. In: *Correio Paulistano*, p.*.

28 *Idem*, “Sagarana”. In: *O Globo*, p.*.

29 Álvaro Lins o diz em entrevista no periódico *A Noite*, em 22 de abril de 1955. As declarações de Thiago de Mello e Mauritonio Meira fazem parte de enquête promovida pelo *Correio da Manhã*, em 12 de agosto de 1955.

30 Rosário Fusco, “Entre a perfeição e a pândega”. In: *A Vanguarda*, p.*.

31 José Guilherme de Araujo Jorge, “Sagarana: uma estreia definitiva”. In: *Resistência*, p.*.

32 Helio Fernandes, “Sagarana e a crítica”. In: *O Cruzeiro*, p.*.

33 *Ibidem*.

34 Helio Fernandes publica no *Cruzeiro*, em junho de 1946 e janeiro de 1947. Guimarães Rosa se refere a Fernandes em carta de 11 de janeiro de 1947 para a sua esposa Aracy: “Parece quase certo que vou ganhar o prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira. Segunda-feira, começarei a trabalhar nos outros livros. SAGARANA continua ribombando, como um *nouveau riche*. A revista *Rio* trouxe uma bela nota. Aquele sujeitinho do *Cruzeiro*, que uma vez escreveu contra, voltou a escrever. Sempre antipático, mas voltando atrás e reconhecendo que

o livro foi o melhor do ano. Meus amigos gozaram com esse espetacular recuo público. O sujeitinho escreveu só porque o rapaz que faz a seção estava ausente em férias, e ele aproveitou a folga para meter o bedelho". (A carta é inédita e pertence ao Acervo Família Tess.) Guimarães Rosa obtém de fato o prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira, em janeiro de 1946.

35 Helio Fernandes, "O ano literário". *In: O Cruzeiro*, p.*.

36 Clóvis Ramalhete, "Horácio lê Diário Oficial". *In: Diário de Notícias*, p.*.

37 Henrique Pongetti, "Saúva nos loureiros". *In: O Globo*, p.*.

38 *Idem*, "Monteiro Lobato é desertor?". *In: O Globo*, p.*.

39 Nelson Werneck Sodré, "Sagarana". *In: Correio Paulistano*, p.*.

40 Esta seria a primeira estadia profissional de Álvaro Lins em Portugal. Depois da sua campanha jornalística em favor da presidência de Juscelino

Kubitschek, retornaria ao país a fim de assumir posto diplomático em Lisboa. Permaneceria no cargo até 1959, participando ativamente da polêmica em torno do asilo político do general Humberto Delgado, opositorista na ditadura de Salazar.

41 Raimundo Magalhães Jr., "O caso Alexandre Konder". *In: Diário de Notícias*, p.*.

42 Guimarães Rosa, JGR-IEB/USP-CP, Cx. 01, 25. O código refere-se à localização do documento no Fundo João Guimarães Rosa/IEB, correspondências, caixa 01 referente à correspondência entre Aracy de Carvalho Guimarães Rosa e Sida Moebius de Carvalho no período 25 de maio de 1924 a 30 de dezembro de 1949.

43 Guimarães Rosa, JGR-IEB/USP-CP, Cx. 01, 1.

44 *Idem*, JGR-IEB/USP-CP, Cx. 01, 2.